

O ABISMO ENTRE NÓS



O abismo entre nós
Cris Vazquez



© Moinhos, 2017.
© Cris Vazquez, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Humberto Nunes

Edição 1, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

V393o
Vazquez, Cris | O abismo entre nós
ISBN 978-85-92579-56-2
CDD B 869.3
Índices para catálogo sistemático
1. O abismo entre nós 2. Cris Vazquez 3. Romance 4. Literatura Brasileira
I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 200 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Rua Gustavo Ladeira, n. 11, 506/01
Paquetá — Belo Horizonte — MG
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

I	9
Anfitrião dos pelicanos	15
II	21
Eu preciso sonhar	25
III	31
A gruta	36
IV	41
Abelha-rainha	46
V	50
O padrinho	54
VI	60
A carta guardada	66
VII	73
Amor	79
VIII	84
Pretexto	93
IX	107
Vestida para festa	114

X	117
Refluxo na pedra do Leme	122
XI	126
Pedra de coração	127
XII	134
O pirata de Copacabana	140
XIII	145
Floresta Negra	149
XIV	155
Liberdade	156
XV	166
O caso da piranha da Beira-Mar Norte	171
XVI	178
Nós	181
XVII	186
O abismo entre nós	193
Agradecimentos	199

*Para Elizabete, Fernanda e Maria da Graça Moraes,
Clara Medeiros e Emília Grattoni Gomes*



I

QUANDO TUDO DECEPCIONA, só o inusitado tira o sujeito do estado de torpor. E por que miríade de sentimentos passa Horácio ao deparar com a escultura de Diana na visita ao *Metropolitan* em Nova Iorque. Há pouco sentira raiva. Na bilheteria, apesar do valor sugerido, a doação era livre. Ele deu trinta dólares. A moeda norte-americana equivale à brasileira neste 1995, quando se completa um ano de Plano Real, mas a esposa lhe disse, com firmeza, que não deviam abusar. Ele a fulminou constrangido, vermelho como os cabelos. *Arte pressupõe apoio e manutenção, você não entende?* Ficou quieto. Agora caminha de olhos baixos pelo museu até encontrar a flecha que ressignificará sua vida.

A escultura dourada eleva os olhos de Horácio. Mas o olhar da Deusa vai além. Diana está prestes a lançar a flecha ao alvo que já dominou com a mira. A postura convicta, harmônica, forte, indica que alcançará o objetivo. Seu corpo tem as dimensões perfeitas. E ela está nua. Horácio se acalma. Aplaca a raiva da esposa. Contorna o pedestal para apreciar a beleza, graça e movimento de cada ângulo. Olha de novo para o seu rosto, para a flecha. É como se Diana quisesse lhe dizer algo, lhe dar uma ideia. O que importa? Se ele não escreve mais, de que interessa o que existe por trás das faíscas de inspiração? É que ela é a própria ideia. Do tipo que faz um escritor tomar notas para descobrir, ainda que no ato da escrita, o real motivo por que a anotou. Ou que pode nunca passar de uma nota. Mas ele não anda mais com cadernetas. Quer apenas guardar na memória o que diz a placa explicativa.

Em 1891, Augustus Saint-Gaudens concebeu Diana para funcionar como catavento no topo do *Madison Square Garden*. Tinha 5.5 m de altura e pesava 820 kg. Em menos de um ano, o próprio artista a considerou grande demais para as

dimensões do prédio, e projetou uma segunda versão, com 4.4 m de altura e 318 kg, que ficou no topo do edifício entre 1893 e 1925. Concebeu-a em pose mais elegante, esbelta, com seios menores e um ângulo mais gracioso para a perna que ela ergue atrás. Dado o sucesso, desenhou várias réplicas dessa segunda versão, com a metade do tamanho. Como esta que Horácio contempla no *Metropolitan*.

Depois de ler a placa, olha de novo para a escultura que brilha no pedestal. Olha mais além. No segundo mezanino, há uma mulher que o mira de cima. Desconfiado, ele observa ao redor. Os filhos empunham flechas para mimetizar a obra, e a esposa lhe dá um sorriso cúmplice, a que não corresponde. Ao levantar a cabeça de novo, tem certeza de que a mulher não tirou o olhar dele não sabe há quanto tempo. Do ângulo de visão de Horácio, ela está posicionada abaixo da curva inferior do arco de Diana, mais ao longe. A mulher é *mignon*, como se tivesse a metade do tamanho da escultura. Ela usa um vestido carmim, ajustado ao corpo proporcional que se mostra pelo parapeito de vidro. Diamantes adornam o colo moreno e brilhante. E os cabelos estão presos ao alto, repuxando os olhos negros que o fitam.

A esposa corta o devaneio de Horácio, convidando-o para explorarem a seção egípcia. Diana fica para trás e eles passam pelos sarcófagos. Michele se esconde atrás de um para assustar as crianças. Com vergonha da brincadeira, ele tem vontade de sumir. Ou de entrar num sarcófago semiaberto para pensar. Sem obstruções. Como a cena pronta e cheia de sentido que Michele interrompera no café da manhã do hotel.

Ele fora até a cozinha, pressionado por ela, pois não havia facas para todos no bufê. Lá estava um garçom cabeludo, que se livrou da bandeja na pia, para mudar o som ambiente. Aerosmith estrondou. O garçom deu um salto. E rodopiou a tocar na perna uma guitarra imaginária, e a dedilhar o braço do instrumento. Depois do minuto de folga, retornou com

os talheres sem vê-lo apoiado na porta, mas fez Horácio sorrir pela primeira vez no dia. *Sem dúvidas, esse garçom seria meu leitor. Ou meu personagem.* Michele o interrompeu. Brincou que ele estava sempre em outra galáxia e que acabasse logo o café, porque o roteiro da viagem era enorme.

Depois de Diana e da seção egípcia, Horácio quer apreciar com calma os mármore greco-romanos, mas Michele continua no seu ritmo. Guia os pequenos com o mesmo ímpeto com que paga as contas, ou que planejara a mudança de Uberlândia para Florianópolis. Novo cenário, clima ameno, ela argumentara, e o que isso importa a ele?

Chegam à sala das esculturas de Rodin. Os filhos continuam a brincadeira das mímicas. Horácio força um meio sorriso. A caçula é graciosa ao levar a mão à testa e cruzar as pernas ao mesmo tempo. Ocorre que as pinturas europeias estão próximas. Avisa que ficará meia hora nas galerias vizinhas, e Michele combina de esperá-lo com as crianças no *Central Park*, no *playground* atrás do museu.

Ele não contém o brilho no olhar frente à *Bridge over a Pond of Water Lilies*, de Monet. Vive outro raro momento de contemplação de uma obra de arte. Agradece à Michele pela viagem. E por deixá-lo, enfim, sozinho no *Metropolitan*. De alguma maneira, ela intui suas margens. E ele está no limite da dolorosa busca de extravasar o impulso criativo. Continua a apreciar as telas de Monet, duas pinturas de *Manneporte* na Normandia. Na primeira, o *Étretat*, arco de pedra natural, é pintado sobre o mar tranquilo em dia ensolarado e, na segunda, o mesmo cenário tem as cores acinzentadas e o mar revolto. Ao contemplar o segundo quadro, Horácio olha para a esquerda e tem a sensação de que a mão bronzeada, que se desprende da abertura da sala para sumir num átimo, é de alguém que o espreita. Tenta por cinco minutos, mas perde o interesse pelos Monets, Van Goghs e Matisses. Quer voltar

ao início da visita, extrair mais do lampejo de inspiração que foi a escultura de Diana.

Retorna pela multidão que o retarda, entre vacilante e ansioso para chegar ao destino. Ao dar com a escultura de novo, está disperso. Observa ao redor. Alguns jovens bocejam nos pufes de descanso, outros visitantes frequentam a lanchonete ao fundo. Ele olha para trás. Ao lado de uma fonte, está a mulher de carmim. De perto, o seu rosto é mais maduro, evidenciando que eles têm a mesma idade. Ela anda em direção a ele e diz, com a voz aguda:

— Horácio Calvino?

Ele desce de seu metro e noventa de altura até a mulher de estatura baixa, e lhe diz, pois não, de modo formal, como se fosse mais velho do que os seus quarenta anos. Nos tempos em que escrevia, era jovial com as fãs.

Ela encara as olheiras dele, e os olhos grandes e etéreos.

— Eu sempre o acompanhei. O *rock* não é o mesmo sem as suas histórias. Espero o livro novo há cinco anos. Quando fica pronto?

Horácio se surpreende ao dizer à desconhecida se ela não percebe que não há mais *rock*, nem livros, sequer razão para escrever sobre o mesmo assunto. Ela diz:

— Se eu tivesse um tema significativo, seria publicada... Quer dizer, começaria a escrever.

Ele sente um cansaço na voz da mulher.

Ela pega seu cartão e gesticula como se fosse colocá-lo no bolso da camisa de Horácio. Mas o entrega em suas mãos, a invadir sua alma com um olhar exagerado. Ele não corresponde com a mesma intensidade. Acha graça na investida feminina e procura se esquivar com um sorriso.

— Florence Lugon — ele lê o cartão. — Trinidad e Tobago?

— Sim. E você tem um ano para remeter conto inédito ao meu endereço. Eu mando minha impressão de volta e escrevo

outro para você apreciar — diz ela, e inicia um giro em torno do pedestal.

Florence dá uma volta lenta para observar a escultura. Horácio percebe a graça dos seus movimentos, os músculos tonificados e a postura ereta. Quando completa o giro, embaixo do arco de Diana, ela toma o próprio cartão das mãos de Horácio e o guarda no bolso das calças dele.

— Nosso pacto é irretroatável — diz ela. — Melhor enviar em seis meses, pois receio me mudar antes de um ano.

Pega-lhe a mão e contorna a escultura com ele, pelo outro lado. Perscrutam juntos os ângulos da deusa dourada no pedestal claro, emoldurados pelo céu azul que transparece pela estrutura de ferro e vidro do museu. Ele sente prazer no movimento. Lembra o garçom do hotel. Solta a mão de Florence, mas continuam o giro. Horácio dá passos maiores. Param em lados opostos, a escultura entre eles. Diana é a ideia. A flecha que alcança a meta. Ambos se movem adiante do pedestal, olhando para o alto, em direção à flecha. Próximos, elevam os olhos mais além. Viram-se um para o outro: ele, o escritor parado, alto, o monumento; ela, a aprendiz mutante, *mignon*, o amuleto. Mas ela diz que precisa ir. Desloca-se para trás, fitando os olhos de Horácio com sofreguidão:

— Escreve. Escreve para mim. Para que eu possa escrever, meu anjo literário.

E vai embora de vez.

Horácio a observa de costas, os glúteos firmes sob o vestido, como os de Diana. Perplexo, ele rodeia a escultura de novo. Ao sentir o incômodo do cartão no bolso, dedilha de forma imperceptível uma guitarra imaginária. E lembra de que a família o espera no *Central Park*.



Florianópolis, 20 de maio de 1996.

Florence,

Espero que receba esta carta antes da sua mudança de endereço. Devo estar nos últimos dias do prazo de seis meses de que falou no museu.

Antes de mais nada, sugiro que comece um diário para ajudá-la a fluir na escrita. Acabei de retomar a prática, que costumava utilizar para notas ou registros sobre meu processo criativo.

E lhe envio um conto não publicado que encontrei dia desses. *Anfitrião dos pelicanos*. Não quero escrever de novo. Mas sei como dói. Se lhe serve de estímulo, fico satisfeito.

Abraço,

Horácio Calvino